

SAÚDE MENTAL NA CONTEMPORANEIDADE: UMA ANÁLISE DA SÉRIE “ADOLESCÊNCIA”

Aline Rodrigues da Silva¹;

Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), Natal, RN.

<https://lattes.cnpq.br/2674732429858360>

Maria Francisca da Conceição Maciel Targino²;

Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), Natal, RN.

<http://lattes.cnpq.br/2511427429547353>

Gidyenne Christine Bandeira Silva de Medeiros³.

Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), Natal, RN.

<http://lattes.cnpq.br/7128174927654982>

RESUMO: O presente artigo tem como objeto de estudo as transformações sociais do conceito de adolescência e os desafios contemporâneos enfrentados por esse grupo etário. Busca-se compreender a adolescência enquanto fenômeno histórico e social, assim como as implicações da contemporaneidade para a saúde mental. Para tanto, este estudo qualitativo analisou a produção audiovisual “*Adolescência*”, série disponibilizada pela plataforma de streaming Netflix. Por meio de uma revisão bibliográfica de caráter descritivo, fundamentada no método dialético-crítico, foi possível examinar as consequências do contexto macroestrutural oriundo do neoliberalismo que contribuem para o uso excessivo de ferramentas tecnológicas e das mídias sociais no processo de adoecimento mental dos adolescentes.

PALAVRAS-CHAVE: Adolescência. Saúde mental. Contemporaneidade.

MENTAL HEALTH IN CONTEMPORARY AGENCIES: AN ANALYSIS OF THE SERIES “ADOLESCENCE”

ABSTRACT: This article examines the social transformations of the concept of adolescence and the contemporary challenges faced by this age group. The aim is to understand adolescence as a social and historical phenomenon, as well as its implications for mental health. To this end, this qualitative study analyzed the audiovisual production “*Adolescência*,” a series available on the streaming platform Netflix. Through a descriptive literature review, based on the dialectical-critical method, it was possible to examine the consequences of the macrostructural context stemming from neoliberalism that contribute to the excessive use of technological tools and social media in the process of mental illness among adolescents.

KEYWORDS: Adolescence. Mental health. Contemporaneity.

INTRODUÇÃO

A adolescência constitui uma fase singular do desenvolvimento humano, marcada por intensas transformações biológicas, psicológicas e sociais. Mais do que um período de transição entre infância e vida adulta, trata-se de um fenômeno social construído historicamente e socialmente, atravessado por valores, tradições e condições econômicas que moldam a adolescência em diferentes contextos. Estudos evidenciam que esse fenômeno é permeado tanto por experiências intensas quanto por desafios e dificuldades, sendo frequentemente interpretada sob perspectivas diversas, que vão da naturalização e patologização ao entendimento crítico e histórico do fenômeno.

Na contemporaneidade, os dilemas da adolescência se intensificam diante pressão de estruturas sociais marcadas pelo neoliberalismo, as quais contribuem para o processo como a hiperconexão digital, o adoecimento mental, as transformações na sexualidade. Nesse cenário, produções culturais, como a série *Adolescência* (Netflix, 2024), oferecem representações significativas das vivências juvenis, trazendo à tona questões de identidade, violência, gênero, família e escola. Assim, o estudo da adolescência requer uma análise multidimensional que articule teoria e prática, a fim de compreender os desafios e possibilidades dessa etapa na atualidade.

OBJETIVO

Analisar a adolescência como fenômeno histórico e social, destacando os desafios contemporâneos relacionados à saúde mental e ao uso de tecnologias.

METODOLOGIA

O delineamento metodológico deste estudo qualitativo analisou a produção audiovisual “*Adolescência*”, série disponibilizada pela plataforma de streaming Netflix. Por meio de uma revisão bibliográfica de caráter descritivo, fundamentada no método dialético-crítico. Esse método contribui para compreensão da essência dos fenômenos da realidade como um processo do movimento permanente e provisório (Minayo, 2017).

Assim, existe imediatamente a negação constante dos estados, formas e fenômenos, tendo em vista que a realidade se constitui como dinâmica e inconstante (Prates, 2012). Esse método tenta explicar os fenômenos investigados, compreendendo em sua totalidade as contradições dos sujeitos que fazem parte desse processo que vivem em constante movimento, a partir de uma leitura crítica da realidade (Prates, 2012, p. 127).

Portanto, o método dialético-crítico não apenas fornece bases para a interpretação e análise da realidade, mas também contribui para a intervenção, com o objetivo de transformar a realidade estudada, considerando as categorias do método: totalidade, historicidade, contradição e mediação (Prates, 2012).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Adolescência: transformações históricas e sociais

Diversas áreas do conhecimento buscam compreender o fenômeno da adolescência, desenvolvendo teorias e definições. Entre os principais campos estão a psicologia, que aborda as alterações de comportamento; a medicina, que aborda o desenvolvimento biológico; o direito, que trata do arcabouço legal e as ciências sociais, que analisam a adolescência com o termo juventude, configurando-se como um grupo ou condição social. Atualmente, discute-se a diferenciação entre as gerações de jovens que são conhecidos pela Geração Y, ou Millennials, nascidos entre 1981 e 1996, a Geração Z, composta por indivíduos nascidos entre 1997 e 2010 e a geração Alpha nascidos entre 2010 e 2020 (Ribeiro *et al*, 2016).

Estudiosos discutem a adolescência como uma fase da vida marcada por intensas mudanças, turbulências, conflitos familiares, novas responsabilidades e escolhas. A trajetória da adolescência diverge dos percursos da infância e da idade adulta, visto que é comparado ao processo de metamorfose da crisálida, onde o adolescente encontra-se num casulo em absoluta transformação diferenciando-se da lagarta da infância e da borboleta da vida adulta (Carvajal, 2001).

A adolescência é uma construção histórica, compreendida pelo contexto social, cultural, econômico e subjetivo que determinam características, comportamentos e opções de vida tanto individuais como coletivas. Então, a história, tradição e cultura contribuem para a expressão de valores que marcam a cultura juvenil (Minayo, 2011).

A adolescência, a transição cada vez mais prolongada da infância para a vida adulta, tem se mostrado um espaço social e biográfico propenso tanto a experiências inovadoras quanto à fragilidade e ao risco devido às mudanças biológicas, sociais e desenvolvimentais que a acompanham (Manika; Schnaider; Silva, 2024).

Conforme estudiosos Reinhard, Simmel, Plessner e Piaget argumentam de que nas sociedade pré-modernas, a os indivíduos na fase da adolescência não possuía autonomia, uma vez que era regido por uma coesão radical da autoridade adulta, isso impedia o desenvolvimento da cognição formal-operacional e restringia o pensamento reflexivo e crítico (Zizek, 2024).

Entender o conceito de adolescência somente pelo viés biomédico, como fase do desenvolvimento humano ou de transição para a vida adulta é considerar uma natureza a-histórica ao conceito. É preciso superar para além dessa compreensão, e analisar o fenômeno da adolescência historicamente. Com isso, promover uma articulação com a perspectiva biológica com as condições concretas da sua existência social (Ariès, 1981).

Nesse sentido, a adolescência não pode ser definida a partir de uma fase biológica ou social, no entanto pode ser analisada a partir de uma categoria histórica e antropológica, articulada à modernidade, à reflexividade e à crise. Assim, essa fase do sujeito é vista como prolongada e especificamente moderna do desenvolvimento humano, onde o despertar da reflexividade corporeidade do sujeito ganha notoriedade. Nesse viés, o adolescente encara

um processo complexo e desafiador de construir uma identidade e decidir uma posição social. O filósofo e psicólogo Piaget discute que essa fase não pode ser focada somente na socialização, mas no desenvolvimento da competência e da reflexão crítica (Zizek, 2024).

A adolescência pode ser compreendida a partir de uma perspectiva crítica, que reconhece o ser humano como um sujeito histórico e social. Assim, em vez de ser entendida sob uma visão evolucionista linear, essa fase é vista como um processo contínuo de construção e transformação. Nesse sentido, há um afastamento da perspectiva cartesiana, pois o indivíduo se desenvolve em interação constante com a sociedade, de maneira interdependente. Essa relação, por sua vez, é complexa, multifacetada e está sempre em transformação (Berni; Roso, 2014).

Na visão sócio histórico a adolescência é compreendida como um fenômeno complexo que possui uma estruturação simbólica que a define. Definida por sua totalidade, isto é, analisada a partir de um conjunto multifacetado de mediadores que constitui (Naves, 2016).

Diante disso, o conceito da adolescência tem sido publicizado pela sociedade pelo tripé: naturalização, universalização e patologização. A naturalização da adolescência como parte do desenvolvimento humano, período marcado entre a infância e a vida adulta que é natural da essência humana. Já a universalização traz a adolescência como manifestação de todos os seres humanos de forma semelhante, já que apresenta características próprias que podem ser apresentadas em qualquer indivíduo (Ozella, 2010). Na patologização, onde é considerado os sintomas de desenvolvimento caracterizados pela instabilidade, crise e rebeldia. Nesse contexto, a adolescência tem sido compreendida por um período problemático/patológico pelo qual todo indivíduo passa (Ozella, 2010)

O termo “ado[l]ecer” origina-se do latim “dolescere”, que significa começar a ter dor ou ficar doente. Além de referir-se ao ato de contrair uma doença, também pode denotar estar sujeito a paixões, vícios ou más qualidades, ou ainda causar enfermidade (Carvajal, 2001). Freud nomeia a adolescência como puberdade, a qual é o reaparecimento das etapas anteriores da sexualidade infantil é considerada um momento de desequilíbrio psíquico e instabilidade do comportamento (Estevam, 2011).

Na perspectiva da psicanálise a adolescência é considerada uma etapa humana composta por aventuras e por transformações psíquicas, da curiosidade transbordante, da certeza de tudo, do ânimo de experimentar de tudo, da falta de culpabilidade da rebeldia, da compulsão, da falta de experiência e da falta de noção de perigo, diferentemente da fase adulta, onde a experiência proporciona uma maior percepção dos perigos (Carvajal, 2001).

Na perspectiva crítico-dialética, a análise do fenômeno da adolescência vai além das aparências e das explicações naturalizadas, uma vez que é considerada as contradições e determinações histórico-estruturais que influenciam esse contexto. Além disso, busca compreender não apenas o que está posto, mas também as contradições que não são reveladas, ou seja, estão na aparência da realidade resultante das desigualdades sociais e das relações de poder que permeiam a construção social da adolescência (Cunha; Sousa;

Silva, 2014).

Entende-se que os fenômenos sociais são construídos ao longo da história e que podem refletir interesses coletivos ou individuais que são transitórios, relativos e inacabados. Diante disso, os conceitos de adolescência devem ser compreendidos enquanto uma construção social e histórica, considerando as transformações iniciadas a partir da infância que moldaram sua compreensão ao longo do tempo, bem como das políticas de proteção social que contribuíram para o reconhecimento do adolescente como sujeito de direito.

Análise crítica sobre a série “Adolescência”: desafios enfrentados pelos adolescentes na contemporaneidade

A série “Adolescência” apresentada pela plataforma de streaming Netflix, traz um retrato contemporâneo da vida de jovens em contextos urbanos, explorando temas como identidade, fragilidade das relações sociais e familiares, sexualidade, violência, misoginia, saúde mental relacionada ao bullying e a influência das redes sociais. O drama, que combina criminalidade e psicologia, é composto por quatro episódios de aproximadamente uma hora de duração.

A narrativa acompanha um garoto de 13 anos, estudante de uma escola britânica regular, oriundo de uma família tradicional de classe média, composta por pai, mãe e irmã. O adolescente passa a ser investigado pelo assassinato de uma colega de escola. Ao longo da investigação, a série aborda suas relações com a família, a escola, os amigos e, sobretudo, analisa sua saúde mental.

Para compreender os motivos que o levaram a cometer o crime, o adolescente é submetido a uma escuta qualificada por uma psicóloga. Durante esse processo, foram identificadas oscilações de humor que evidenciaram problemas de saúde mental. Embora já houvesse a certeza de que se tratava de um feminicídio, os profissionais buscavam entender as implicações psicológicas e os fatores que desencadearam o ato.

A trama também destaca o aumento da violência de meninos contra meninas na adolescência. Descobre-se, por meio da investigação, que o protagonista era acusado na escola de ser “incel” (abreviação de celibatário involuntário), subcultura masculina marcada por frustrações em relação a relacionamentos afetivos. Por conta disso, sofria bullying nas redes sociais, o que ampliava sua vulnerabilidade e fragilizava ainda mais sua saúde mental. Esse contexto revela não apenas a insegurança vivida pelos jovens no cenário contemporâneo, mas também os desafios impostos pelos estereótipos de gênero. A dificuldade em expressar emoções e afetividade, contrastando com padrões de masculinidade, intensifica esse sofrimento.

A trajetória do protagonista evidencia, de forma articulada, os dilemas enfrentados por adolescentes na atualidade, tornando-se um caso particularmente relevante para refletir sobre a adolescência como fase de formação identitária. A série também questiona os impactos do uso das mídias sociais sobre os adolescentes dos dias atuais.

Outro aspecto marcante é a relação entre o adolescente e sua família. Ao longo dos

episódios, os pais enfrentam o sofrimento de ver o filho acusado de um crime hediondo. Incrédulos diante da possibilidade de que ele tivesse cometido um assassinato, passam a questionar seu papel enquanto pai e mãe, sentindo-se culpados por não terem acompanhado mais de perto os interesses, objetivos e desejos do filho.

Apesar disso, a série mostra que a família era carinhosa, provedora e presente na vida dos dois filhos. O pai, por exemplo, recorda que o adolescente passava horas trancado no quarto, e que ele próprio acreditava ser importante respeitar esse espaço e liberdade. Contudo, posteriormente se questiona se esse tempo não teria sido usado de forma excessiva na internet, sem a supervisão necessária, o que pode ter contribuído para o adoecimento mental do adolescente.

Nesse sentido, pode-se analisar que um dos problemas que a série destaca é a hiperconexão dos adolescentes, a qual tem provocado uma epidemia de transtornos mentais. O aumento de doenças oriundas da saúde mental constitui um fenômeno social da contemporaneidade (Haidt, 2024). O advento da tecnologia, com os dispositivos portáteis e personalizados, contribui para a privação de adolescentes de experiências no mundo real, isto é, das relações sociais construídas por meio de interações presenciais que geram comunicações de um para o outro (Freitas *et al.*, 2021). Com isso, a virtualização tem provocado experiências antagônicas que levam os adolescentes a apresentarem distorções cognitivas, resultando em depressão e ansiedade (Marques, 2025).

As doenças de saúde mental em adolescentes ganharam mais atenção a partir de 2010, com o aumento de transtornos de ansiedade, depressão, bipolaridade, anorexia e abuso de substâncias psicoativas (Haidt, 2024). O desejo descontrolado por informações e o excesso podem levar ao adoecimento mental, caracterizado pela nomofobia, isto é, a ansiedade ou medo decorrente da ausência do uso de máquinas que facilitam o acesso, como os smartphones (Vargas, 2013).

Esse aumento está relacionado a vários fatores, entre eles a difusão dos aparelhos tecnológicos, sobretudo os smartphones, em conjunto com os ecossistemas das redes sociais, que potencializam o tempo prolongado no ciberespaço e, conseqüentemente, o isolamento do indivíduo em detrimento da socialização com outros indivíduos (Oliveira *et al.*, 2022).

A série Adolescência discute a relação dos adolescentes com a escola, onde surgem problemas como baixo desempenho acadêmico, falta de disciplina e de respeito com colegas e docentes. Essa realidade está associada à utilização problemática de aparelhos móveis – tablets e smartphones – uma vez que as respostas e notificações provocam alternâncias repetidas entre as tarefas a serem realizadas. Isso prejudica a capacidade de atenção, interrompe o trabalho e contribui para uma aprendizagem deficiente (Gupta; Sharma, 2021).

Nesse sentido, é válido mencionar as dimensões macroestruturais envolvidas nessa realidade, pois se faz necessário analisar o fenômeno social em sua totalidade, considerando os contextos social, econômico, cultural, político e ideológico. Esse cenário contemporâneo é decorrente do contexto neoliberal iniciado desde 1980 (Antunes, 2025).

A racionalidade neoliberal alterou a subjetividade das relações sociais e produtivas, causando sofrimento social, já que cada indivíduo é responsabilizado por seu mau desempenho e colocado em postos de trabalho cada vez mais precarizados e provisórios. Além disso, as relações sociais são flexibilizadas em favor da lucratividade e produtividade. Com isso, o adoecimento relacionado às condições de trabalho tem aumentado desde a reestruturação produtiva (Antunes, 2025). A corrosão da personalidade, acompanhada de ansiedade e depressão generalizada, é acentuada, uma vez que a lógica da produtividade máxima não contempla todos os sujeitos (Dardot; Laval, 2016).

Assim, o uso intenso de tecnologia e seu impacto sobre a saúde mental não podem ser analisados de forma isolada, mas compreendidos a partir da racionalidade neoliberal. Esse modelo social estimula a hiperconexão, competitividade e a responsabilização individual pelo desempenho, o que contribui para o aparecimento da ansiedade e depressão (Antunes, 2025). Nesse sentido, a tecnologia está longe de ser apenas um recurso de comunicação, torna-se também relações do corpo acarretam consequências psicológicas e sociais. Por isso, a sexualidade pode trazer desafios e dificuldades (Otero; Aguilar, 2025). A OMS destaca que, embora os aspectos biológicos sejam relevantes, é fundamental considerar também os aspectos emocionais, sociais e éticos da sexualidade. Sem essa compreensão, os adolescentes permanecem com autonomia limitada e podem ser colocados em situações de vulnerabilidade social e emocional (OMS, 2017).

A questão do “incel”, levantada pela série *Adolescência*, relaciona-se à forma como adolescentes enfrentam sua própria sexualidade. Países como Inglaterra, Canadá e Estados Unidos já registraram atos violentos praticados por jovens identificados como incels (Sparks *et al.*, 2022).

O termo “incel” refere-se a um grupo de pessoas que vivem o celibato involuntário, apesar de terem desejos sexuais ativos. Esse grupo teve maior repercussão entre o público masculino, pois adolescentes do sexo masculino que vivem o celibato involuntário sofrem mais com a rejeição e a exclusão do que as adolescentes do sexo feminino (Decook; Kelly, 2021). De forma patológica, esses incels recorrem ao extremismo, manifestado por meio da violência de gênero, misoginia e discursos antifeministas (Ging, 2017). A cena da série em que o protagonista assassina uma colega de turma é justificada pela rejeição, exemplificando práticas violentas de incels. Esse grupo, portanto, tende a desumanizar as mulheres, julgando-as superficiais, tolas, egoístas e manipuladoras (O'Donnell; Shor, 2022).

A taxa de prevalência de adoecimento mental, como depressão e ansiedade, tem crescido entre adolescentes identificados como “incels” (Moskalenko *et al.*, 2022). Nesse contexto, eles vivem de forma isolada, tendo como principal meio de interação as mídias sociais, além do uso de substâncias psicoativas e pornografia. Assim, o adoecimento mental, a frustração sexual, o isolamento social e os problemas familiares estão entre os fatores que mais afetam essa comunidade (Sparks *et al.*, 2022).

Nesse viés, observa-se que a série “*Adolescência*” combina elementos realistas que

refletem os desafios e dilemas da adolescência contemporânea. Além disso, destaca o uso desenfreado das mídias sociais e como essas ferramentas podem manipular adolescentes em sofrimento mental a praticarem bullying, crimes e condutas antiéticas. A obra apresenta um retrato sobre a adolescência na contemporaneidade que compreende a necessidade de estratégias realizadas por políticas públicas de proteção articuladas com a família e comunidade escolar para reduzir as consequências do avanço de ideologias misóginas no ambiente digital. Portanto, a integração de políticas de saúde mental no ambiente escolar, é fundamental para proporcionar um espaço de acolhimento e orientação para os adolescentes e pais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A adolescência, enquanto fase da vida marcada por transformações históricas, sociais, biológicas e subjetivas, revela-se como um fenômeno social complexo que não pode ser compreendido apenas sob perspectivas patológicas e biológicas. Então, foi evidenciado que o conceito de adolescência é construído social e historicamente, articulando dimensões individuais, coletivas e macroestruturais, incluindo fatores sociais, culturais, econômicos e políticos que moldam o que são as adolescências. A análise crítica da série “Adolescência”, permitiu identificar de maneira concreta como esses elementos se manifestam na vida dos adolescentes contemporâneos, evidenciando desafios relacionados à saúde mental, sexualidade e relações sociais.

O contexto contemporâneo, marcado pela racionalidade neoliberal, intensifica o adoecimento mental dos adolescentes ao contribuir para a hiperconexão digital, a competição individualizada e a culpabilização do indivíduo. A série demonstra como o uso excessivo de tecnologias, associado a padrões tradicionais de gênero e a isolamento social, contribui para a ansiedade, depressão, frustração sexual e até comportamentos agressivos e violentos, como exemplificado pelos adolescentes identificados como “incels”.

A reflexão elaborada pela série evidencia a necessidade de uma participação mais efetiva do Estado na implementação de políticas públicas, envolvendo principalmente as áreas da educação e da legislação, capazes de desenvolver estratégias inovadoras para a garantia de direitos e a proteção integral dos adolescentes frente aos desafios da contemporaneidade. Além disso, a participação articulada da família, da escola e da comunidade compreende-se ser fundamental para diminuir os impactos da violência, da hiperconexão digital e das ideologias misóginas no desenvolvimento dos adolescentes.

REFERÊNCIAS

ADOLESCÊNCIA. Direção: P. Barantini. Reino Unido: Netflix, 2025. Série. Disponível em: <https://www.netflix.com/br/title/81756069>. Acesso em: 7 abr. 2025.

ANTUNES, R. **Os sentidos do trabalho: ensaio sobre afirmação e negação do trabalho.** 3. ed. São Paulo: Boitempo, 2025.

ARIÈS, P. **História social da criança e da família.** 2. ed. Rio de Janeiro: Justiça e Cidadania,

1981.

BERNI, V. L.; ROSO, A. Adolescência na perspectiva da psicologia social crítica. **Psicologia & Sociedade**, v.26, n.1, p.126-136, 2014.

CARVAJAL, G. **Tornar-se adolescente: a aventura de uma metamorfose**. Trad. C. Berliner. 2001.

CUNHA, C.; SOUSA, J.V.; SILVA, M.A. **O método dialético na pesquisa em educação**. 1. ed. Campinas: Autores Associados, 2014.

DARDOT, P.; LAVAL, C. **A nova razão do mundo: ensaio sobre a sociedade neoliberal**. São Paulo: Boitempo, 2016.

DECOOK, J. R.; KELLY, M. Interrogando a “ameaça incel”: avaliando a ameaça da supremacia masculina nos estudos sobre terrorismo. *Crit. Stud. Terror.*, v. 3, p. 1-21, 2021.

ESTEVAM, I. D. **Adolescente em conflito com a lei, resiliência, valores humanos e suporte familiar: um estudo das representações sociais**. 2011. 264 f. Tese (Doutorado em Psicologia Social) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2011.

GING, D. Alfas, Betas e Incels: teorizando as masculinidades da manosphere. **Homens e Masculinidades**, v. 22, n. 4, p. 638-657, 2017.

GUPTA, M.; SHARMA, A. Fear of missing out: a brief overview of origin, theoretical underpinnings and relationship with mental health. **World Journal of Clinical Cases**, v.9, n.19, p.4881-4889, 2021.

HAIDT, J. **A geração ansiosa: como a infância hiperconectada está causando uma epidemia de transtornos mentais**. São Paulo: Companhia das Letras, 2024.

MANIKA, L. G. B.; SCHNAIDER, L. L. B. C.; SILVA, D. Da infância à adolescência: explorando a crise existencial da transição. **Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação**, v. 10, n. 11, p. 7480-7501, 2024.

MARQUES, J. P. Utilização de redes sociais e sua influência na saúde mental de adolescentes. **Revista Educação & Ensino**, v. 9, n. 1, 2025.

MINAYO, M. C. S. Cientificidade, generalização e divulgação de estudos qualitativos. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 22, n. 1, p. 16-17, 2017.

MINAYO, M. C. S. **Amor e violência: um paradoxo das relações de namoro e do “ficar” entre jovens brasileiros**. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2011.

FREITAS, R. J. M. *et al.* Percepciones de los adolescentes sobre el uso de las redes sociales y su influencia en la salud mental. **Enferm.Glob.Murcia**, v. 20, n. 64, p. 324-364, 2021.

MOSKALENKO, S. *et al.* Incel ideology, radicalization and mental health: a survey study. **The Journal of Intelligence, Conflict, and Warfare**, v. 4, n. 3, p. 1-29, 2022.

NAVES, F. Interfaces entre a psicologia sócio-histórica e a educação popular com adolescentes. **Revista Interinstitucional de Psicologia**, v. 9, n. 1, p. 32-49, 2016.

O'DONNELL, C.; SHOR, E. “This is a political movement, friend”: why “incels” support violence. **The British Journal of Sociology**, v. 73, n. 2, p. 336-351, 2022.

OLIVEIRA, A. M. *et al.* A utilização das tecnologias na educação de jovens e adultos de uma

escola pública. **Educação & Ensino, Fortaleza**, v. 6, n. 2, 2022.

OTERO, R.; AGUILAR, C. A educação sexual dos adolescentes: the sex education in the adolescents. Njinga e Sepé: **Revista Internacional de Culturas, Línguas Africanas e Brasileiras**, v. 5, n. 2, p. 27-46, 2025.

PRATES, J. C. O método marxiano de investigação e o enfoque misto na pesquisa social: uma relação necessária. **Textos & Contextos**, v. 11, n. 1, 2012.

RIBEIRO, M. A. et al. **Ser adolescente no século XXI**: orientação vocacional e de carreira em contextos clínicos e educativos. Porto Alegre: Artmed, 2016.

SPARKS, B.; ZIDENBERG, A. M.; OLVER, M. E. Involuntary celibacy: a review of incel ideology and experiences with dating, rejection, and associated mental health and emotional sequelae. **Curr. Psychiatry Rep.**, v. 24, n. 12, p. 731-740, 2022.

ZIZEK, B. Cultura, desenvolvimento e adolescência: rumo a uma teoria e história da adolescência. *Ética em Andamento*, v. 1, n. 6, 2024.